

# SENTIDOS DA MARGINALIDADE: UMA LEITURA ESPACIAL DE MARGINAIS E OUTROS CONTOS A PARTIR DA OBRA DE HÉLIO OITICICA

## SENSES OF MARGINALITY: A SPATIAL READING OF MARGINAIS E OUTROS CONTOS FROM THE WORK OF HÉLIO OITICICA

*Renata Cristine Gomes de Souza<sup>1</sup>*

### RESUMO

O presente trabalho procura definir e discutir o sentido do termo marginalidade e sua presença na obra *Marginais e outros contos*. Para tal, traçamos um quadro comparativo entre o livro de contos de João Melo com obra *Seja Marginal seja herói*, de Hélio Oiticica. Nesse caminho, vemos como o termo pode ser lido em alguns contos que compõem a obra e, também, temos em análise o que o diálogo que o conjunto de textos estabelece com esse termo, que nomeia o conto que fecha a obra. Para a composição do artigo, contamos com reflexões e estudos de Hanna Arendt, Linda Hutcheon e Roberto Vecchi.

PALAVRAS-CHAVE: Marginalidade; transgressão, desilusão.

### ABSTRACT

This paper seeks to define and discuss the meaning of the term marginality and its presence in *Marginals and other tales*. To do so, we draw a comparative picture between João Melo's book of short stories and Hélio Oiticica's *Seja Marginal seja herói*. In this way, we see how the term can be read in some of the short stories that make up the work and, also, we have in analysis what the dialog that the set of texts establishes with this term, which names the short story that closes the work. To compose the article, we rely on reflections and studies by Hanna Arendt, Linda Hutcheon, and Roberto Vecchi.

KEYWORDS: Marginality; transgression, disillusionment.



Helio Oiticica<sup>2</sup>

Acima, como epígrafe, temos o poema-bandeira de Hélio Oiticica, criado em 1968, uma das obras do artista que retrata a figura do “anti-herói” ou “herói anônimo” recorrente em sua obra. A imagem retrata um morador da Favela do esqueleto<sup>3</sup>, Manoel Moreira<sup>4</sup>, conhecido como Cara de Cavallo, acusado de matar um policial, no período da ditadura militar. A obra foi cercada de polêmicas, pois, na época, a consideraram uma apologia ao crime, mas sua intenção seria trazer uma imagem capaz de subverter os meios de opressão. Nesse caso, Manoel representava os que agiam contra o sistema repressor, representado pela polícia que o assassinou. É possível, porém, deslocar a obra desse referencial, o sujeito representado, e termos uma leitura mais ampla. A marginalidade era considerada pelo artista como uma forma de transgredir os valores conservadores da sociedade e de agir contra os meios de opressão. Desse modo, a figura do marginal e do herói se misturam e apresentam uma similaridade. Em nossa análise, trazemos essa obra em epígrafe porque essa leitura, de proximidade conceitual entre marginal e herói, nos remete ao tema e título da obra de João Melo, *Os Marginais e outros contos*, sobretudo no que diz respeito aos sentidos que o termo “marginal” pode ter.

Como vemos na obra de Oiticica, há diversas possibilidades de compreensão do termo marginal. O que está à margem, o que é transgressor ou mesmo o significado mais corrente e utilizado pelo senso comum, aquele que não respeita as leis. Tal conceito é similar ao apresentado no dicionário Houaiss, que define marginal como “que vive à margem do meio social em que deveria estar integrado, desconsiderando os costumes, valores, leis e normas predominantes nesse meio; delinquente, vagabundo; mendigo” (HOUAISS, s/a, s/p). É esse termo, que estampa a obra de Oiticica, que dá nome ao último conto do livro de João Melo e, também, o nomeia. Em ambas as obras, há possibilidades múltiplas de leitura do termo.

*Os marginais e outros contos* apresenta temas que já são vistos em outras obras de João Melo, mas que neste livro são trabalhados de uma outra maneira, com uma linguagem diferente, com um tom analítico e que, por vezes, subverte a estrutura do conto. Histórias são recontadas de uma nova forma, com outros sujeitos e outros desfechos, mas representando novamente violências, desilusões e resistências.

Em *Os marginais e outros contos*, há construções textuais que trazem expectativa da chegada de um clímax que, geralmente, são observadas no fim do texto. O clímax, na maior parte das histórias, é construído com as questões que envolvem a marginalidade dos personagens. Ao longo da leitura, as camadas de construção desses personagens são descortinadas, e as dualidades dos personagens vão se tornando mais evidentes para o leitor.

Esse descortinar que revela quem e como são esses marginais muitas vezes passa pela relação que a narrativa estabelece com a história de Angola. João Melo, em seu texto ficcional, não faz simplesmente uma exposição dos males que perpassam o seu país. O autor revela a diversidade do povo e dos problemas pelos quais a sociedade luandense passa, mostrando diferentes lados dos jogos de poder, da política e das formas de viver e sobreviver.

O livro traz o tema da descolonização à baila e nos mostra como a estrutura da sociedade narrada é a estrutura colonial. O livro, escrito 35 anos após a independência, nos mostra a continuidade desse sistema de organização social. Para o estudioso Roberto Vecchi,

Do ponto de vista dos conceitos em jogo, a(s) descolonizações remetem para um espaço crítico complexo e perturbado onde as rupturas se misturam com as continuidades formando um objeto de difícil interpretação. Ainda mais difícil, como no caso de Portugal e de suas derradeiras – no plano histórico – colónias, que se alimentaram a partir de uma dimensão conjuntamente cultural e cultural. Benéficas, mas para uma estreita elite. (VECCHI, 2016, p. 50)

Em uma *live*<sup>5</sup> promovida pela revista *África e Africanidades*, João Melo afirma que os marginais aos quais se refere no livro são pessoas como ele, que lutaram e/ou sonharam com uma Angola regida por um sistema político mais justo e igualitário, que diferisse do sistema colonial, o que já nos apresenta a leitura transgressora do termo marginalidade. O autor afirma que, passados 35 anos da independência, decidiu escrever um livro que fizesse um balanço de tudo que sucedeu nesses anos, fazendo da literatura uma forma de refletir e representar o que observou ao longo desse período. O escritor diz ainda que a obra trata do desencanto causado a partir da percepção de que pouca coisa se modificou depois de anos de lutas e sonhos.

A dualidade – e similaridade – marginal e herói está em alguns contos do livro, evitando os maniqueísmos e mostrando as contradições desses sujeitos que erram, lutam, se desiludem e sobrevivem. No trecho a seguir, podemos observar como o tom heroico, que não deixa de lado a humanidade dos personagens, é explorado para tratar dos ex-combatentes que se encontram 35 anos depois da Independência:

Há trinta e cinco anos tudo parecia possível e ao alcance de todos, em especial dos seres absolutamente comuns, indignos e, mais do que isso, inomináveis. Um verbo inesperado brilhava em todas as línguas, acesas como sóis. Ainda não sabíamos que o inesperado ou diferente não quer necessariamente dizer novo e muito menos renovado ou redentor. Por isso, cavalgámos esse verbo como arautos de um anti-Deus decidido a recriar o mundo, mas dessa vez sem descansar, pelo menos enquanto todas as injustiças históricas, carregadas até nós pelos milénios que antecederam, não fossem reparadas. Não acreditávamos em qualquer predestinação, mas apenas na nossa própria vontade, estrita e, simples e pura: tínhamos uma escolha a fazer e fizemo-la. Marchámos voluntariamente ao som das canções coletivas, acreditando que poderíamos alcançar o sol, pegá-lo com as nossas próprias mãos e erguê-lo sobre a cabeça

expectante da humanidade, para que, exorcizados todos os crepúsculos, ele brilhasse sobre ela, per *saecula saeculorum*. (MELO, 2013, p. 14-15)

A obra é formada por contos que, em sua maioria, apresentam personagens que transgridem o poder vigente e são antigos guerrilheiros, antigos militantes e pessoas que tiveram suas vidas afetadas pela guerra. As histórias se dão em um período de, no mínimo, vinte anos após a independência e, de alguma forma, trazem percursos, jornadas que se deram em Luanda, ou que se relacionam a questões referentes ao ambiente urbano da capital e aos centros de poder econômico e político.

Os contos trazem um retrato da nação fraturada que se formou ao longo dos referidos 35 anos. Antoine Compagnon, em *Literatura para quê?*, afirma que “[a] Literatura é de oposição: ela tem o poder de contestar a submissão ao poder. Contrapoder, revela toda a extensão de seu poder quando é perseguida” (COMPAGNON, 2009, p. 60). Ou seja, a literatura pode contrapor e questionar os discursos estabelecidos. A contestação e o desencanto com os rumos que a nação tomou são a tônica dos textos, o que é explicitado pelos deslocamentos, pelos espaços que os personagens ocupam e querem ocupar e pelas redes e formas de poder que são representadas. Mais que isso, a contestação é explicitada a partir do tom de descontentamento e desilusão que a obra apresenta.

O livro é composto por sete narrativas que, para tratar de Angola, razem questões como acomodação, desilusão, vingança, silenciamentos, afetividades e a fuga do real. O poder e os sentimentos de frustração e impotência também podem ser observados ao longo dos textos, mesmo com as variações de eixo temático.

Uma representação do passado recente e do presente em textos que mesclam ficção e realidade arquitetam parte dessas narrativas que, por muitas vezes, e ancoram em marcos, acontecimentos políticos, figuras públicas e espaços significativos para a história de Angola. O autor traça um olhar para a Angola contemporânea, mostrando que o que se tem hoje não é o país que ele e tantos outros sonharam em construir. Para ficcionalizar essa perda de utopia, o autor traz personagens que lutaram pela independência e apresenta, sobretudo, personagens que tiveram suas vidas mudadas após a independência. Notamos com a leitura dos contos que o espaço do qual se fala define o olhar dos personagens para o país. Como afirma Oziris Borges Filho, o espaço pode muitas vezes propiciar a ação e motivar a tônica de uma narrativa. Esse lugar pode ser o espaço geográfico que ocupam, mas também pode tratar do espaço da memória, o espaço do poder, ou ainda, espaços criados por esse poder.

Os contos trazem essas diversas possibilidades de representar o espaço angolano, a vida no espaço metropolitano e suas redes de poder. Em sua coluna no jornal *rascunho*, João Melo afirma que

Em 1970, fiz a minha primeira viagem de comboio — coisa que amo até hoje fazer — de Luanda a Malanje, para passar umas férias com os familiares do meu pai. Não esqueço essa viagem, principalmente por causa da paisagem, em especial a

floresta do morro do Mbinda, com todo aquele verde exuberante e extraordinário. Literalmente, aquela visão provocou um pequeno sismo dentro de mim. Considero-o um autêntico choque criativo.

A verdade é que cheguei a Luanda, no fim das férias, só pensando em escrever. Antes peguei novamente em alguns livros, para voltar a lê-los. Recordo-me perfeitamente que li um poema que Pessoa tinha escrito à sua mãe, aos 5 anos de idade, e pensei então, ingénua e arrogantemente: “Se ele, com 5 anos, escreveu um poema, então eu, que tenho 15, também posso fazê-lo!”. (MELO, 2021, s/p)

No trecho, o autor mostra que observar o espaço e perceber lugares outros de seu país é o que o leva a ser escritor, o que move a sua escrita. É a observação do lugar em que vive que traz inspiração e motivo para a sua escrita. A obra aqui analisada é o resultado de anos de observação e também de sua vivência, dos sonhos que foram partilhados com tantos outros e a desilusão agora também compartilhada. Michel Déguay afirma que

A crença num *outro mundo* diferente deste é uma quimera “religiosa” tão inconstante quanto inconsequente, como uma convicção carregada de “ressentimento” (Nietzsche), que não precisa de muito para se transformar em utopia mortífera. Sobretudo quando outro mundo não visa mais ao “além”, mas a um outro mundo neste mundo; por exemplo, um mundo possível e iminente, isento de dominação. (DÉGUY, 2016, p. 222)

A racionalização e pessimismo observados na fala de Deguy estão presentes no livro de João Melo, sem que formas de resistência e apego ao sonho sejam esquecidas e colocadas como uma outra forma de olhar o lugar. O autor afirma na conversa para a revista *África e Africanidades* que os 35 anos foram o bastante para ele conseguir fazer uma obra que refletisse esses anos de observação. É nesta obra que a função reflexiva e observadora do intelectual pode ser facilmente observada. Com esse livro, o intelectual João Melo permite que nos anos que sucedem esses 35 anos, haja um olhar para o que até então foi construído, como se retomasse a frase de Paul Valéry, lembrada por Aduino Novaes, que problematiza:

Nous entrons dans l’avenir à reculons (Entramos no futuro de costas), (...). É como se jamais pudéssemos tirar os olhos do pensamento acumulado em suas profundas lembranças, e também como se estivéssemos com medo daquilo que não se pode saber ainda o que será. São tempos de incerteza. (NOVAES, 2016, p. 9)

Esses anos de observação levam Melo a trazer um texto repleto de questionamentos, hesitações, exposições, incertezas e confrontos. A obra nos possibilita pensar Angola hoje e o sistema político e econômico vigente, para que então possamos entender a sua formação social, suas necessidades, e o caminho que tem trilhado desde a independência, sem respostas, mas com mais questionamentos, com caminhos para a reflexão, para a apresentação de outras narrativas. Não seria esse o papel do intelectual? Por isso, trabalhamos com a ideia de que a literatura atua como uma forma de exposição do real. Não virar as costas para esse passado recente e tentar compreendê-lo e representá-lo é uma forma de comprometimento do intelectual com o presente. Segundo Giorgio Agamben,

contemporâneo é aquele que mantém fixo o olhar no seu tempo, para nele perceber não as luzes, mas o escuro. Todos os tempos são, para quem deles experimenta a contemporaneidade, obscuros. Contemporâneo é, justamente, aquele que sabe ver essa obscuridade, que é capaz de escrever mergulhando a pena nas trevas do presente. (AGAMBEN, 2007, p. 63)

Partindo desta reflexão, entendemos os textos analisados como contemporâneos ao nosso tempo e que retratam a Luanda pós independência. Assim, os contos atuam como uma forma de representação artística do poder em Angola, discutindo e trazendo à tona alguns de seus problemas sociais e políticos. Os textos não trazem um retrato fiel, mas apresentam uma visão que possibilita um entendimento do espaço então ficcionalizado. É com o texto literário que o que está ocultado pode vir à tona, este é um dos papéis da literatura. O que vem à tona com essa obra é a desilusão, a violência de uma sociedade que ainda segue o modelo colonial mesmo tendo no poder aqueles que lutaram contra o poder colonial.

No artigo “Os fins do tempo do fim: descolonização, negação, pertença”, Roberto Vecchi traz como epígrafe um trecho retirado de uma publicação em um blog. Nesse trecho, há uma reflexão sobre como a descolonização foi fundamentada e dá pistas sobre porque o sistema colonial de fato não teve fim mesmo após as independências. O primeiro parágrafo do texto segue o tom da citação e fala da impossibilidade da descolonização, como podemos ver a seguir:

Não houve descolonização nenhuma, o que houve foi os comunistas portugueses, a entregar Moçambique aos comunistas moçambicanos, Angola aos comunistas Angolanos e o mesmo com os restantes territórios ultramarinos, tudo sob a tutela dos comunistas soviéticos, que afinal também tinham colónias, como depois se viu com o fim da URSS” “A hora da reconhecibilidade” (“Das Jetzt der Leserbarkeit-Erkennbarkeit”)

O nome “descolonização” diz o impensável, mas ao mesmo tempo é uma palavra da ordem do ‘pensado’ (...). Esta consistência espessa, o ato de nomeação que subtrai o agir histórico do espaço do irrepresentável para encontrar a sua surpreendente, ainda que esperada, inscrição – problemática, quanto quisermos, mas efetiva – entre as muitas implicações produz sobretudo o problema da temporalidade: qual é a duração, dentro desta consistência histórica, do suposto esvaziamento do colonialismo, do gesto fundador e formador de um modo português de fazer impérios? (VECCHI, 2016, p. 43-44)

Em *Os Marginais e outros contos*, vemos, através de relatos e reencontros, caminhos e jornadas essa impossibilidade de descolonização, expressa a partir dos espaços da cidade, representações essas que acessam o espaço da memória.

Segundo Linda Hutcheon, “o pós-modernismo levanta a questão incômoda (e normalmente ignorada) do poder ideológico por trás de aspectos estéticos como o da representação: de quem é a realidade que está sendo representada” (HUTCHEON, 1991, p. 232). *Os Marginais e outros contos* traz à tona esses incômodos em um tom reflexivo, uma das grandes características da obra. A forma de trazer esse incômodo não é a partir de uma exposição da realidade crua, mas através de questionamentos, desco-

bertas que se dão adentrando as diversas camadas que as histórias, mesmo curtas, apresentam. Como no trecho a seguir, do conto “Os Marginais”, no qual Pedro Buta problematiza as relações de poder ao longo dos anos de luta e de independência:

Mas nem todos nós que participámos na guerrilha pensávamos no poder da maneira tortuosa e destrutiva com o proclamas agora. O poder, para nós, não era um sonho secreto e pecaminoso. Era um destino inelutável. Uma condição para que o «nós» pudesse existir de facto, em toda a sua plenitude, aventura e alegria. A verdade é que, nos primeiros anos da independência, a possibilidade dessa construção parecia irrefutável. Quando foi, então, que o «nós» se cindiu? Quem são os culpados por essa fratura insidiosa que esvaziou o sonho coletivo e instaurou novamente o «eles»? O «eles» a que te referes, com amargo e dorido acinte, somos nós, que não logramos cumprir o que anunciamos, traindo, supostamente, todos aqueles que nos acolheram como os deuses em 74? Não, caro amigo. Reconheço, há muito, sua lucidez. Portanto não ceda à tentação da auto responsabilização. Todos nós destruimos o «nós» que desejamos construir, mas que, na realidade jamais pudéssemos ser. Essa pele, na verdade, é demasiado curta para tantas culpas, tantos ressentimentos, tantos em quantos desejos, tantas ilusões, tantos interesses. Nesse sentido, fatalista ou não, a responsabilidade histórica é sempre coletiva. (MELO, 2013, p. 165)

Com essas informações, descobertas ao avançar da leitura, conseguimos analisar o espaço nesses contos. É como se o lugar e as pessoas que o compõe fossem se descortinando a cada questão apresentada.

Nadia Gotlib afirma que o conto deve ter uma força de impacto, para tal deve trazer uma ação que seja forte, mantendo o interesse do leitor. Na obra de João Melo, vemos uma construção textual que trabalha com temas brutais e com o impacto que podem causar, sendo tais características alicerces para a força dos textos. Tais narrativas são construídas a partir de uma racionalidade que faz com que cada uma a seu modo traga universos de representação nos quais, em diferentes medidas, as tensões levam o leitor ao desconforto. Junto a isso, as informações vão aos poucos revelando ao leitor um quadro mais amplo, são textos que têm sua força nessa descoberta, a descoberta da razão da desilusão, da forma de viver desses personagens.

A estudiosa afirma ainda que o conto em sua construção parte de uma racionalidade que faz com que a história seja coesa e que opere com intensidade. A racionalidade é uma característica marcante em Os Marginais e outros contos. Isso pode ser observado na proposição do livro, apresentar um balanço já sugere que se trata de uma obra que apresenta um amadurecimento crítico e estético. Ao trazer reflexões, longos diálogos, pensamentos, recordações em um formato textual que normalmente tem como foco o desenvolvimento de um fato há uma subversão formal.

Os textos nessa obra trazem poucas respostas para as situações apresentadas, mais que isso, eles têm como base os questionamentos, como se apresentassem teses e antíteses que possibilitam a reflexão, mas que não apresentam uma síntese. A estrutura dos textos sugere essa impossibilidade de ter respostas, o clímax dos textos muitas vezes encontra-se nos parágrafos finais. Ao longo do conto, aquela informação final é construída, pouco a

pouco, mas a sua força é tão grande que, mesmo com os passos anteriores, surpreende o leitor. Essa força aguça o leitor, que lida com uma espécie de espera e tensão ao longo das narrativas.

As histórias que iniciam e fecham a obra, “Trinta e cinco anos” e “Os Marginais” são muito significativas, pois propiciam uma apresentação da tônica da obra. O texto de abertura tem uma série de conclusões e frustrações não ditas, decepções, após os anos de luta. Já o último conto é uma síntese de tudo que é trazido ao logo da obra, mostrando diferentes posicionamentos diante da desilusão.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AGAMBEN, Giorgio. *O que é o contemporâneo? e outros ensaios*. Tradução Vinícius Nicastro Honesko. Chapecó: Argos, 2009.

DÉGUY, Michel. O poder das palavras. In: NOVAES, Adauto. *O silêncio dos intelectuais*. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

DINIZ, Luiz Antonio Garcia. Seja marginal, seja herói: a figura do herói e do anti-herói na obra de Hélio Oiticica. *Soletras*, n.23, 2012.

HUTCHEON, Linda. *Poética do pós-modernismo*. Tradução de Ricardo Cruz. Rio de Janeiro: Imago, 1991.

MARGINAL.I In: HOUAISS, Dicionário Online de Português. Uol, 2022. Disponível em: [https://houaiss.uol.com.br/corporativo/apps/uol\\_www/v6-0/html/index.php#2](https://houaiss.uol.com.br/corporativo/apps/uol_www/v6-0/html/index.php#2)

MELO, João. A minha primeira vez. *Rascunho*. In: <https://rascunho.com.br/liberado/a-minha-primeira-vez/>

MELO, João. *Os Marginais e outros contos*. Alfragide: Editorial Caminho, 2013.

NOVAES, Adauto. *O silêncio dos intelectuais*. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

VECCHI, Roberto. Os fins do tempo do fim: descolonização, negação, pertença. *Altre Modernità*. Milão, n.16 v. 11, 2016.

*Recebido para avaliação em 18/06/2022*  
*Aprovado para publicação em 28/08/2022*

## NOTAS

1 Doutora em Literaturas Comparadas pela UFF, com tese intitulada O espaço na obra de João Melo: desilusão, violência e resistência. Mestre em Estudos de Literatura pela UFF com bolsa concedida pelo CNPq, com dissertação intitulada A distopia em Os Transparentes, de Ondjaki. Coursou graduação em Letras Português/Literaturas na UFRRJ com período sandwich de dois anos na Universidade de Coimbra com bolsa concedida pela Capes. Renata é produtora de material didático e curadora de Literatura da revista USO. <http://lattes.cnpq.br/2930028514910017>. E-mail. [renatacgs@id.uff.br](mailto:renatacgs@id.uff.br).

2 Seja marginal seja herói (1968), bandeira-poema de Hélio Oiticica, pintura sobre tecido, 85 x 114,5 x 3 cm, da Coleção Eugênio Pacelli. Foto Jaime Acioli.

3 A favela já extinta ficava na cidade do Rio de Janeiro.

4 Manoel Moreira era acusado também de vender maconha e por extorsão a apontadores de jogo do bicho no bairro de Vila Isabel.

5 Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=HiMsnYQcjz4&t=4878s>>